

## VISÃO DO CORREIO

# Alerta que vem do Pacífico

O El Niño vem aí. A confirmação divulgada ontem pela Administração Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA, na sigla em inglês) de que as águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial voltaram a registrar temperaturas acima da média sacramenta a formação do fenômeno. O anúncio encerra os meses de especulação e inaugura uma contagem regressiva. Meteorologistas já previam a chegada do evento climático. As projeções agora se materializam e indicam intensificação ao longo do inverno do Hemisfério Norte até 2027. A clareza dos dados científicos, contudo, raramente se traduz em ação preventiva por parte do poder público, que insiste em flertar com a inércia diante de crises amplamente mapeadas.

O cenário ganha urgência diante da possibilidade de um "Super El Niño". Embora a nomenclatura não seja uma categoria meteorológica oficial, ela descreve eventos de intensidade severa, como os que assolaram o globo nos ciclos de 1982-1983, 1997-1998 e 2015-2016. Nessas ocasiões, o choque climático expôs a fragilidade das respostas governamentais. O Brasil pagou um preço amargo: quebras de safra, bandeiras tarifárias punitivas na conta de energia e colapso de infraestruturas básicas. Essa memória deveria servir como freio para improvisos e decisões eleitoreiras. O país, porém, demonstra uma perigosa incapacidade de aprender com as próprias perdas.

A geografia dos impactos no território brasileiro já é conhecida. O Sul precisa organizar suas defesas civis para volumes excessivos de chuva, que tradicionalmente devastam rodovias, paralisam o escoamento agrícola e castigam populações em

áreas de risco. O Norte e o Nordeste caminham para secas severas, exigindo desde já a proteção de reservatórios e políticas de suporte financeiro. No Sudeste, o calor será mais frequente, acompanhado de chuvas mal distribuídas e alterações no fluxo das frentes frias. Na economia, essa desordem regional se converte em quebra de previsibilidade para o setor produtivo, pressão inflacionária sobre os alimentos e corrosão da renda de quem menos tem margem para absorver choques.

O Brasil, obviamente, não estará sozinho nesse ciclo. O El Niño de intensidade severa reorganiza padrões climáticos em escala global. As previsões são de secas na Austrália e no Sudeste Asiático, de chuvas torrenciais no leste da África e de instabilidade nas monções que abastecem a agricultura indiana. Isso significa que os choques na oferta de alimentos não serão locais: serão simultâneos em múltiplas regiões produtoras. Num mundo onde as cadeias de suprimento ainda se recuperam das turbulências causadas da última década, um El Niño severo chega como um problema adicional que praticamente ninguém está preparado.

O fenômeno é conhecido, seus efeitos são mapeáveis, as ferramentas de resposta existem, tecnologia e recursos estão disponíveis. O que falta, então? Que o poder público assuma a decisão política de agir antes que a emergência cause prejuízos, mortes e destruição. Tratar as intempéries do aquecimento do Pacífico como fatalidades surpreendentes, a essa altura, é uma escolha. O Estado brasileiro tem dados, tem histórico e tem tempo hábil para se preparar. A questão é se vai usá-los ou se, mais uma vez, vai esperar os extremos chegarem para procurar o guarda-chuva.



## » Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.  
» E-mail: [sredat.df@dabr.com.br](mailto:sredat.df@dabr.com.br)

### Pix

Creio que seria interessante o **Correio Braziliense** publicar uma matéria explicando, didaticamente, qual é o verdadeiro interesse dos Estados Unidos da América em tomar o nosso Pix. Eu pensava que os inimigos do Pix fossem os bancos, que passaram a perder bilhões depois da implantação desse revolucionário programa brasileiro. Pelo visto, estava redondamente enganado.

» **Joares Antônio Caovilla**

Asa Norte

### Respeito entre nações

Muito bom o firme posicionamento do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, repudiando a ingerência de países sobre as instituições brasileiras, como mostra reportagem do **Correio** desta quinta-feira. Para Fachin, "o respeito recíproco entre nações pressupõe o reconhecimento da legitimidade de suas instituições constitucionais e da independência de seus órgãos jurisdicionais". Fachin segue a linha do presidente Lula, focada no respeito à soberania brasileira. A nação espera que o Poder Legislativo siga a mesma direção de Fachin e Lula.

» **Vicente Limongi Netto**

Asa Sul

### Escala 6X1

O fim da escala 6X1 já tem que ser com desoneração para facilitar as novas contratações que serão necessárias. A maioria dos geradores de emprego do Brasil não é bilionária. São micros e pequenos negócios já esfolados em impostos e burocracias. E outra: precisamos já de corte de gastos e impostos, porque a moeda está desvalorizada, a inflação está alta. As pessoas estão comprando menos alimentos porque o governo gasta mais do que arrecada. Se a inflação não for contida, as pessoas não vão curtir e descansar com o fim da escala 6X1. Vão, na verdade, buscar um segundo emprego. Mexer só nas escalas — e só agora, perto das eleições — é só a ponta do iceberg.

» **Guilherme Almeida**

Brasília

### Polarização

Em artigo publicado na edição do **Correio** desta terça-feira, o deputado Eduardo Pedrosa expressou tudo o que acredito. O futuro realmente não está na polarização. Brasil exportador de matérias-primas continuará cumprindo seu ciclo colonial. Para sair dessa situação histórica, somente com um grande entendimento.

» **Carlos Alberto Rayol**

Brasília

### Taxas do Detran

O Detran-DF há anos criou mais uma taxa para a renovação da CNH, e há a habilitação facial de R\$ 59 que é feita gratuitamente para quem tira a nova carteira de identidade. A Secretaria de Segurança já tem o que o Detran quer cobrar. Além disso, as taxas junto ao IPVA são um escândalo, cobram a emissão de certificado de licenciamento que sequer é emitido e enviado, cobram R\$ 140 por isso. Mas o mais escandaloso é o recurso de multas



**ROBERTO FONSECA**  
[robertofonseca.df@dabr.com.br](mailto:robertofonseca.df@dabr.com.br)

## Cadê a paixão?

Daqui a pouco mais de 24 horas, a Seleção Brasileira estreia na Copa do Mundo. Jogo duro contra Marrocos. A cada quatro anos, o sentimento de "Pra frente, Brasil" toma conta de boa parte da população, mas confesso que, desta vez, há algo diferente no ar. Veja bem a postagem do ator Selton Mello, um dos nomes mais importantes da nossa dramaturgia nas últimas décadas: "Nenhum interesse na Copa do Mundo. Nem sei quando a gente joga. Parei no Ronaldinho Gaúcho, Adriano, Romário, Ronaldo, Cafu, Kaká etc. Não há mais amor pela camisa nem paixão em defender o país. Não contagiam, não me pegam. Mais alguém assim?"

Fiquei, durante um bom tempo, com o questionamento de Selton Mello na cabeça. E, sim, há um clima diferente até agora em relação à Copa do Mundo. As ruas não estão pintadas quanto antes. As bandeirinhas minguaram nos carros e nas janelas dos apartamentos. A paixão e fanatismo do brasileiro em relação ao futebol desapareceram? Talvez. Mas acredito que os fatos são outros.

O primeiro deles passa pelo convívio social. A pandemia deixou marcas profundas. A polarização política, também. Desde as eleições de 2018, o país mergulhou em um ambiente de permanente confronto entre esquerda e direita. Famílias se afastaram. Amizades acabaram interrompidas. O diálogo ficou mais difícil. E a Copa do Mundo sempre foi, acima de tudo, um grande momento de encontro.

Não é coincidência que até mesmo a tentativa de lançamento de uma terceira camisa vermelha da Seleção tenha se transformado em uma disputa ideológica. O que deveria ser apenas uma discussão

esportiva virou mais um capítulo da guerra política. Quando tudo se transforma em embate, sobra menos espaço para a celebração coletiva.

Há ainda outro componente importante: a desconfiança. Embora Carlo Ancelotti tenha conseguido boa aprovação popular, como mostra a pesquisa Quaest de ontem, os brasileiros não parecem acreditar plenamente na capacidade da equipe de conquistar o hexa. Entramos na competição sem o favoritismo de outras épocas. E também existe um fator emocional. Sentimos falta dos grandes heróis. Pelé, Romário, Ronaldo, Garrincha. Craques que transcendiam o futebol. Personagens que mobilizavam até quem não acompanhava esporte. Não é apenas nostalgia. É a ausência de figuras capazes de criar identificação nacional. Neymar teve as suas chances e não vingou. Será que agora consegue?

Ainda assim, não acredito no desinteresse definitivo. Copa do Mundo tem uma capacidade única de despertar emoções adormecidas. Basta uma vitória convincente. Um gol decisivo. Uma classificação dramática. Se a Seleção embalar, a confiança volta. O entusiasmo reaparece. O amor pela camisa ressurgir.

Porque, no fim das contas, a Copa continua sendo um dos raros momentos em que milhões de brasileiros olham para a mesma direção. Em tempos de tantas divisões, isso tem um valor enorme. Viva a Copa do Mundo. Ela ocorre apenas a cada quatro anos. Esse clima, essa expectativa e essa sensação de pertencimento são especiais demais para serem ignorados. Daqui a quatro anos, ninguém sabe onde estará. Nem mesmo se estará aqui para viver tudo isso novamente. Vale a pena aproveitar.

## CORREIO BRAZILIENSE

*"Na quarta parte nova os campos ara  
E se mais mundo houera, lá chegara"*  
Camões, e, VII e 14

**GUILHERME AUGUSTO MACHADO**  
Presidente

**Leonardo Guilherme Lourenço Moisés**  
Vice-Presidente executivo

**Ana Dubeux**  
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

**Assine**  
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

\*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.  
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

**Anuncie**  
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp  
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp  
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

**S.A. CORREIO BRAZILIENSE** - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>  
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



**D.A. Press Multimídia**  
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:  
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;  
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:  
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/  
sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h.  
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.  
E-mail: [dapress@dabr.com.br](mailto:dapress@dabr.com.br) Site: [www.udapress.com.br](http://www.udapress.com.br)